



FATORES DE RISCO PARA INFECÇÃO DE SÍTIO CIRÚRGICO: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DA ENFERMAGEM

 <https://doi.org/10.56238/levv16n49-014>

Data de submissão: 03/05/2025

Data de publicação: 03/06/2025

Suede Ribeiro dos Santos Raposo

Graduanda em Enfermagem

Faculdade Santa Luzia

vandamariasuede@gmail.com

Geanilson Araújo Silva

Mestre em Saúde e Meio Ambiente pela Universidade Metropolitana de Santos. Docente da Faculdade Santa Luzia.

E-mail: geanilson@faculdadesantaluzia.edu.br

Bruna Cruz Magalhães

Mestre em Saúde do Adulto e da criança pela Universidade Federal do Maranhão. Docente da Faculdade Santa Luzia.

E-mail: bruna@faculdadesantaluzia.edu.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os fatores de risco relacionados à infecção de sítio cirúrgico (ISC) e destacar o papel fundamental da enfermagem na prevenção e manejo dessas infecções. A pesquisa aborda fatores predisponentes como comorbidades, condições nutricionais e falhas nos processos de assepsia. O artigo explora as responsabilidades da equipe de enfermagem em todas as fases do processo cirúrgico: pré, trans e pós-operatório. A atuação vigilante da enfermagem, incluindo a preparação do paciente, controle da esterilização de materiais, monitoramento da ferida e educação em saúde, é apresentada como essencial para reduzir os riscos de ISC. Também é discutida a importância da capacitação contínua dos profissionais de enfermagem para garantir cuidados seguros e de qualidade. O trabalho reforça a importância de uma abordagem integrada e sistemática na prevenção de ISCs e sugere melhorias nas práticas assistenciais.

Palavras-chave: Infecção de sítio cirúrgico. Enfermagem. Fatores de risco. Prevenção. Cuidados perioperatórios.

1 INTRODUÇÃO

As infecções de sítio cirúrgico (ISCs) configuram-se como uma das complicações mais frequentes e preocupantes no cenário hospitalar contemporâneo, afetando diretamente a recuperação dos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. Essas infecções não apenas aumentam a morbidade e a mortalidade, como também prolongam o tempo de internação, elevam os custos hospitalares e comprometem a qualidade da assistência prestada. Tal panorama evidencia a importância de se investigar, de forma aprofundada, os fatores de risco relacionados às ISCs, a fim de promover estratégias eficazes de prevenção, identificação precoce e manejo adequado. Dentre os profissionais de saúde que atuam diretamente na prevenção dessas complicações, destaca-se a equipe de enfermagem, cuja atuação é fundamental em todas as etapas do cuidado cirúrgico.

A enfermagem possui papel ativo desde o preparo pré-operatório do paciente até o acompanhamento no pós-operatório, sendo responsável por implementar medidas de controle de infecção, garantir a adequada assepsia e antisepsia, monitorar sinais de complicações e orientar pacientes e familiares sobre os cuidados com o ferimento cirúrgico. Nesse sentido, torna-se imprescindível compreender como a atuação do enfermeiro contribui para a redução dos índices de infecção. A presente pesquisa, portanto, tem como propósito analisar os principais fatores que predispõem os pacientes à infecção de sítio cirúrgico, com ênfase na perspectiva da enfermagem, abordando também as possíveis intervenções preventivas e estratégias assistenciais que podem ser adotadas pela equipe.

A investigação tem como problema norteador a seguinte questão: quais são os fatores de risco mais significativos para a infecção de sítio cirúrgico em pacientes, e de que forma a equipe de enfermagem intervém para mitigar esses riscos? Parte-se da hipótese de que a identificação precoce desses fatores, aliada à implementação de protocolos de cuidados baseados em evidências, pode reduzir de maneira significativa a incidência de infecções. Presume-se, ainda, que a capacitação contínua dos profissionais de enfermagem, bem como sua atuação sistemática e criteriosa, são elementos essenciais para o êxito das ações preventivas.

Com base no exposto, o objetivo geral do estudo é investigar os fatores de risco associados à infecção de sítio cirúrgico em pacientes, destacando o papel da equipe de enfermagem na prevenção e no manejo dessas complicações. Especificamente, busca-se identificar os principais fatores de risco relacionados ao paciente, ao procedimento e ao ambiente hospitalar; analisar o envolvimento e a atuação da equipe de enfermagem na detecção precoce e controle das ISCs; e avaliar a eficácia das intervenções adotadas no âmbito da prática assistencial.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de contribuir com subsídios teóricos e práticos para a promoção de cuidados mais seguros e eficazes no contexto hospitalar. Considerando os impactos das ISCs sobre a saúde do paciente, a gestão hospitalar e os indicadores de qualidade, torna-



se urgente aprofundar o conhecimento acerca dos elementos que favorecem seu surgimento, bem como das práticas que podem ser adotadas para sua prevenção.

Além disso, ao oferecer uma análise abrangente e atualizada sobre o tema, com base em evidências científicas recentes, este trabalho pretende preencher lacunas existentes na literatura acadêmica e fornecer suporte ao aprimoramento da formação e da atuação dos profissionais de enfermagem com sua publicação. Acredita-se que a valorização do saber científico e o fortalecimento do papel da enfermagem na linha de frente do cuidado cirúrgico são determinantes para a construção de uma assistência mais segura, humanizada e eficiente.

Nesse sentido, este estudo justifica-se não apenas pela relevância do tema para a saúde coletiva, mas também pela necessidade de reforçar a importância do protagonismo da enfermagem na prevenção de eventos adversos e na promoção da segurança do paciente. Ao integrar conhecimentos teóricos e práticos sobre infecções de sítio cirúrgico, o presente artigo se propõe a contribuir para o desenvolvimento de políticas institucionais de controle de infecção e para a qualificação do processo de trabalho nas unidades cirúrgicas e de internação.

Portanto, ao abordar os fatores de risco para infecção de sítio cirúrgico sob a ótica da enfermagem, esta pesquisa assume um papel investigativo e propositivo, buscando respostas para uma problemática recorrente nos serviços de saúde e apontando caminhos para a construção de práticas mais efetivas no controle dessas infecções. Espera-se que os resultados obtidos possam oferecer uma base sólida para o desenvolvimento de novos estudos, intervenções e políticas públicas voltadas à melhoria contínua da assistência cirúrgica e à segurança dos pacientes.

2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão sistemática da literatura, cujo objetivo principal é reunir e analisar as evidências científicas sobre os fatores de risco para infecção de sítio cirúrgico (ISC) em pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. A pesquisa abrange artigos científicos publicados nos últimos 7 anos, com ênfase em artigos originais, revisões sistemáticas e meta-análises que tratam especificamente das variáveis associadas ao surgimento de ISCs e seu impacto na recuperação pós-operatória. A população de interesse para este estudo são os pacientes cirúrgicos, bem como as práticas de enfermagem e procedimentos utilizados para prevenção das ISCs.

A amostragem foi realizada por meio da seleção criteriosa de artigos científicos disponíveis nas principais bases de dados online, como PubMed, Scopus, e Cochrane Library. Foram incluídos estudos que abordam os fatores de risco diretamente relacionados à infecção de sítio cirúrgico, falhas nos protocolos de assepsia e outros fatores extrínsecos que podem interferir na prevenção dessas infecções. Estudos que tratam especificamente de estratégias de prevenção, cuidados pós-operatórios e o papel da equipe de enfermagem na gestão do risco de infecção também foram incluídos. Artigos revisados,

meta-análises e ensaios clínicos controlados foram priorizados por fornecerem dados mais robustos sobre a temática.

Foram excluídos artigos que não tratam diretamente do tema de infecção de sítio cirúrgico, como aqueles focados em infecções em outras partes do corpo, ou que não abordam os fatores de risco específicos no contexto de cirurgias. Também foram descartados estudos que não possuíam informações detalhadas sobre os métodos de prevenção ou manejo da infecção no pós-operatório, assim como publicações que não estavam acessíveis através das bases de dados selecionadas ou que não se encontravam em formato eletrônico.

A análise dos dados foi realizada de forma crítica e sistemática, utilizando a leitura e avaliação da qualidade metodológica dos estudos selecionados. A ênfase foi dada à análise dos fatores de risco identificados nos artigos, categorizando-os em fatores intrínsecos, como comorbidades e características do paciente, e extrínsecos, como erros nos procedimentos de assepsia. Além disso, a revisão também focou nas práticas de prevenção e nos protocolos adotados pela equipe de enfermagem, com destaque para a importância da educação em saúde e da capacitação contínua da equipe para minimizar os riscos de ISC. O processo de análise foi conduzido levando em consideração a qualidade metodológica dos estudos, o tamanho das amostras, a relevância dos resultados e sua aplicabilidade nas práticas de cuidado.

Os artigos selecionados para esta revisão foram obtidos de fontes científicas confiáveis e respeitáveis, garantindo a integridade e a relevância das informações coletadas. Não houve necessidade de intervenção direta com seres humanos, uma vez que o estudo se baseou exclusivamente na análise de dados secundários provenientes de publicações científicas já existentes. Todos os estudos utilizados foram devidamente citados e referenciados conforme as diretrizes acadêmicas de atribuição de autoria e créditos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As infecções do sítio cirúrgico representam um desafio significativo na prática clínica contemporânea, exigindo uma abordagem multidisciplinar e atenção especial aos protocolos de prevenção. Carvalho (2017, p. 215) diz que "a educação do paciente desempenha um papel crucial na prevenção de infecções do sítio cirúrgico, capacitando-os a tomar medidas ativas para reduzir os riscos durante o período perioperatório". Portanto, é essencial investir em programas de educação para pacientes, fornecendo informações claras e acessíveis sobre medidas preventivas, higiene pessoal e cuidados pós-operatórios.

A partir da análise das fontes consultadas, observa-se que a educação em saúde não deve ser limitada ao período pós-operatório. O envolvimento do paciente no processo cirúrgico desde o pré-operatório contribui para maior adesão às medidas preventivas, reduzindo significativamente a

incidência de infecções. Neste sentido, o enfermeiro atua como agente educador, promovendo o empoderamento do paciente quanto ao autocuidado.

A superlotação hospitalar emerge como um fator de risco preocupante para infecções do sítio cirúrgico, como exposto por Carvalho (2017, p. 95). A sobrecarga de pacientes pode sobrestrar os recursos hospitalares, comprometer a qualidade da assistência e aumentar a exposição a agentes infecciosos. Portanto, é fundamental adotar estratégias para mitigar os efeitos da superlotação, como o planejamento adequado da capacidade hospitalar e a otimização dos fluxos de pacientes.

Diante da complexidade das infecções do sítio cirúrgico, é crucial identificar e compreender os fatores de risco associados a essa complicação. Ainda acordado com Carvalho (2017, p. 1005), "os fatores de risco para infecção do sítio cirúrgico incluem características do paciente, tipo de procedimento, condições do ambiente cirúrgico e práticas de cuidados intraoperatórios". Cabe à equipe de enfermagem a vigilância constante desses fatores, adotando práticas baseadas em evidências que permitam uma abordagem preventiva personalizada.

Uma revisão criteriosa da literatura, de acordo com a realizada por Gonçalves (2018, p. 1946), destaca a importância de intervenções baseadas em evidências para prevenir infecções do sítio cirúrgico. Isso inclui a adoção de medidas como a antibioticoprofilaxia adequada, técnicas assépticas durante o procedimento cirúrgico e o controle rigoroso da temperatura e umidade do ambiente operatório. Essas práticas fundamentam-se em estudos que demonstraram sua eficácia na redução da incidência de infecções pós-operatórias.

Os principais fatores de risco para infecção do sítio cirúrgico são variados e demandam atenção especial durante o processo perioperatório. A idade avançada, obesidade, diabetes, tabagismo, imunossupressão e duração prolongada do procedimento cirúrgico estão entre os fatores individuais que aumentam o risco de infecção (OLIVEIRA, 2018, p. 128). Além disso, características específicas do procedimento e do ambiente cirúrgico podem influenciar significativamente a susceptibilidade do paciente a desenvolver complicações infecciosas.

A infecção de sítio cirúrgico (ISC) representa uma preocupação significativa na prática clínica, pois pode levar a complicações graves e prolongar o tempo de recuperação dos pacientes. De acordo com Oliveira *et al.* (2018), "As ISC são uma das complicações mais comuns após procedimentos cirúrgicos e podem resultar em morbidade significativa para o paciente, além de aumentar os custos do tratamento." Essas infecções podem surgir de uma variedade de fatores, desde condições pré-existentes do paciente até práticas inadequadas de controle de infecção durante o procedimento cirúrgico.

Além das variáveis clínicas e ambientais, os fatores socioeconômicos e culturais dos pacientes também podem impactar diretamente na prevenção e manejo das infecções de sítio cirúrgico. Estudos demonstram que pacientes com menor escolaridade ou com dificuldade de acesso aos serviços de saúde

apresentam maior taxa de complicações infecciosas no pós-operatório (MENDES; ARAÚJO, 2020, p. 201). Esse dado reforça a necessidade de ações educativas inclusivas e adequadas à realidade social de cada paciente, permitindo maior adesão às recomendações da equipe de saúde.

A ocorrência de infecção de sítio cirúrgico está intrinsecamente ligada a uma série de fatores de risco que podem influenciar seu desenvolvimento. Smith (2019) diz que os fatores de risco para ISC incluem tanto características do paciente, como idade avançada e comorbidades, quanto aspectos relacionados ao procedimento cirúrgico, como duração da cirurgia e tipo de incisão. Essa compreensão abrangente dos fatores de risco é essencial para a implementação de medidas preventivas eficazes pela equipe de enfermagem.

De forma a sintetizar os principais fatores de risco identificados na literatura, apresenta-se a seguir uma tabela com a categorização desses elementos, que envolvem tanto variáveis clínicas quanto institucionais:

Tabela 1 - Principais fatores de risco para infecção de sítio cirúrgico (ISC)

Categoria	Fatores de risco
Características do paciente	Idade avançada, comorbidades (diabetes, obesidade), tabagismo, imunossupressão
Procedimento cirúrgico	Duração prolongada, extensão da incisão, presença de corpo estranho
Ambiente hospitalar	Superlotação, baixa qualidade do ar, má higienização dos leitos
Cuidados intraoperatórios	Falhas na assepsia, esterilização inadequada de materiais
Pós-operatório imediato	Falta de orientação, curativos ineficazes, não adesão às medidas de higiene

Fonte: Adaptado de Carvalho (2017); Oliveira et al. (2018); Smith (2019); Silva (2020).

No contexto da enfermagem cirúrgica, é fundamental reconhecer a importância da identificação e gestão dos fatores de risco para infecção de sítio cirúrgico.

Como enfatizado por Silva (2020):

os enfermeiros desempenham um papel crucial na avaliação pré-operatória dos pacientes, identificando fatores de risco individuais e implementando estratégias de prevenção personalizadas.

Essa abordagem proativa pode ajudar a reduzir a incidência de ISC e melhorar os resultados clínicos dos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos.

Além dos fatores relacionados ao paciente e ao procedimento, a qualidade dos cuidados intraoperatórios também desempenha um papel significativo na prevenção de infecções de sítio cirúrgico. De acordo com Carvalho (2017), "Práticas adequadas de assepsia e esterilização, bem como o uso de técnicas cirúrgicas assépticas, são fundamentais para minimizar o risco de contaminação

durante o procedimento." A atenção meticulosa aos detalhes por parte da equipe cirúrgica é essencial para garantir a segurança do paciente.

Tabela 2 - Estratégias de prevenção de ISC recomendadas para a equipe de enfermagem

Etapas do cuidado	Estratégia preventiva
Pré-operatório	Avaliação clínica minuciosa; controle de comorbidades; preparo adequado da pele
Intraoperatório	Assepsia rigorosa; controle ambiental da sala cirúrgica; técnica cirúrgica segura
Pós-operatório imediato	Curativo estéril; monitoramento de sinais infecciosos; educação do paciente
Alta hospitalar	Orientação escrita e verbal; agendamento de retorno; número de contato para dúvidas

Fonte: Adaptado de Costa (2022), Ferreira (2019) e Silva e Lima (2019).

A compreensão dos fatores de risco para infecção de sítio cirúrgico é essencial para a prática de enfermagem, especialmente na área cirúrgica.

Como ressaltado por Gonçalves (2018):

ao reconhecer e gerenciar adequadamente esses fatores, os enfermeiros podem desempenhar um papel crucial na prevenção de infecções e na promoção de resultados positivos para os pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos.

Essa abordagem centrada no paciente e baseada em evidências é fundamental para garantir a segurança e o bem-estar dos indivíduos durante o período perioperatório.

A infecção do sítio cirúrgico (ISC) é uma complicação comum após procedimentos cirúrgicos, sendo influenciada por diversos fatores de risco. Segundo Oliveira *et al.* (2018), "os principais fatores de risco para ISC incluem características do paciente, como idade avançada, presença de comorbidades, obesidade e tabagismo". Pacientes idosos ou com condições médicas pré-existentes têm maior probabilidade de desenvolver infecções devido à diminuição da imunidade e dificuldade de cicatrização.

Além das características individuais do paciente, aspectos relacionados ao procedimento cirúrgico também desempenham um papel significativo na ocorrência de infecções de sítio cirúrgico. De acordo com Smith (2019), "a duração da cirurgia, a extensão da incisão e a presença de corpo estranho no local da cirurgia estão entre os fatores que aumentam o risco de ISC". Procedimentos de longa duração e incisões extensas proporcionam maior exposição dos tecidos à contaminação microbiana, aumentando a probabilidade de infecção.

Além disso, o ambiente hospitalar desempenha um papel crucial na prevenção da infecção do sítio cirúrgico. Conforme destaca Silva (2020), "a falta de higiene adequada, a inadequada esterilização de instrumentos cirúrgicos e a presença de fontes de contaminação no ambiente hospitalar podem

contribuir para o desenvolvimento de infecções". A implementação de medidas de controle de infecção, como a lavagem das mãos, a esterilização adequada de equipamentos e a manutenção de ambientes limpos, é fundamental para reduzir o risco de infecções nos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos.

Outros fatores ambientais, como a taxa de ocupação dos leitos, a qualidade do ar e a presença de outras infecções no hospital, também podem influenciar a incidência de infecções de sítio cirúrgico. Carvalho (2017) ressalta que "a superlotação e a falta de controle de infecções podem criar condições favoráveis para a disseminação de agentes infecciosos, aumentando o risco de ISC nos pacientes". Portanto, a manutenção de um ambiente hospitalar limpo e seguro é essencial para prevenir complicações pós-operatórias e garantir a segurança dos pacientes.

A equipe de enfermagem desempenha um papel fundamental na prevenção, detecção precoce e manejo das infecções de sítio cirúrgico (ISC), contribuindo significativamente para a segurança e bem-estar dos pacientes.

Segundo Oliveira (2018): a enfermagem é responsável por implementar medidas de prevenção de infecções, como a higienização adequada das mãos, o uso correto de equipamentos de proteção individual e a manutenção da limpeza do ambiente cirúrgico.

Essas medidas são essenciais para reduzir o risco de contaminação durante o procedimento cirúrgico e garantir a integridade dos tecidos.

Além disso, a equipe de enfermagem desempenha um papel crucial na detecção precoce de sinais e sintomas de infecção de sítio cirúrgico.

De acordo com Smith *et al.* (2018), "os enfermeiros são treinados para monitorar de perto os pacientes após a cirurgia, observando qualquer sinal de inflamação, secreção purulenta ou febre". A identificação precoce desses sintomas permite um diagnóstico rápido e intervenção oportuna para prevenir complicações mais graves.

No manejo das infecções de sítio cirúrgico, a equipe de enfermagem desempenha um papel ativo na administração de cuidados diretos aos pacientes. Conforme destacado por Silva (2020), "os enfermeiros são responsáveis por realizar curativos adequados nas incisões cirúrgicas, administrar medicamentos prescritos e monitorar a resposta do paciente ao tratamento". O cuidado meticoloso e a atenção aos detalhes são essenciais para garantir uma recuperação segura e eficaz.

Além disso, a equipe de enfermagem desempenha um papel importante na educação e orientação dos pacientes sobre a prevenção de infecções de sítio cirúrgico. Carvalho (2017) ressalta que "os enfermeiros fornecem informações detalhadas sobre os cuidados pós-operatórios, incluindo a importância da higiene pessoal, a troca adequada de curativos e o reconhecimento de sinais de infecção". O empoderamento dos pacientes com conhecimento sobre autocuidado é fundamental para prevenir complicações após a cirurgia.

A prática baseada em evidências exige da equipe de enfermagem constante atualização e atuação crítica diante das rotinas institucionais. A implementação de protocolos padronizados para controle de infecção, associados à formação contínua da equipe, mostrou-se eficaz na redução dos casos de ISC, conforme apontam diversos estudos analisados. Além disso, auditorias regulares e reuniões multiprofissionais contribuem para o fortalecimento das práticas preventivas.

Por fim, a colaboração interdisciplinar é essencial para garantir uma abordagem abrangente no manejo das infecções de sítio cirúrgico. Como observado por Oliveira et al. (2018), "a equipe de enfermagem trabalha em estreita colaboração com cirurgiões, infectologistas e outros profissionais de saúde para desenvolver protocolos de prevenção e tratamento de infecções". Essa abordagem integrada é fundamental para garantir a segurança e o bem-estar dos pacientes em todas as etapas do processo cirúrgico.

A atuação da enfermagem, no contexto cirúrgico, ultrapassa os limites da execução de técnicas, exigindo habilidades clínicas e tomada de decisão baseada em avaliação individualizada. A identificação precoce de fatores predisponentes à infecção permite intervenções imediatas e personalizadas, promovendo o cuidado integral ao paciente. De acordo com Santos (2021, p. 98), "o enfermeiro deve assumir uma postura crítica e proativa, analisando continuamente os sinais clínicos e o histórico do paciente para prevenir complicações pós-operatórias".

A avaliação de risco para ISC deve começar no momento da admissão hospitalar, com coleta de dados clínicos e histórico do paciente. Condições como diabetes descompensada, tabagismo e uso de imunossupressores devem ser sinalizadas como fatores agravantes. O enfermeiro, ao realizar essa triagem, atua como elo entre os diferentes profissionais da equipe multiprofissional, promovendo condutas preventivas mais eficazes (MORAIS, 2020, p. 312).

O preparo adequado da pele no pré-operatório também é uma etapa crítica. Práticas como a tricotomia no momento adequado, o uso de antissépticos apropriados e a integridade da pele no local da incisão influenciam diretamente na prevenção de ISC. Segundo Ferreira (2019, p. 147), "a escolha do antisséptico, o tempo de aplicação e a técnica correta fazem parte de um protocolo que deve ser rigidamente seguido pela equipe de enfermagem".

A literatura aponta ainda para a importância de se evitar o uso prolongado de sondas, drenos e cateteres, visto que esses dispositivos aumentam o risco de infecção quando mantidos além do necessário. A enfermagem tem papel central nesse monitoramento, avaliando diariamente a necessidade de manutenção desses dispositivos e promovendo a retirada precoce sempre que possível. Como alerta Costa (2022, p. 165), "a avaliação contínua do uso de dispositivos invasivos é uma das estratégias mais eficazes no controle das infecções hospitalares".

Outra medida amplamente discutida é o uso racional de antibióticos profiláticos. O enfermeiro, ao monitorar o horário da administração, contribui para que a medicação seja feita dentro do intervalo

recomendado antes da incisão cirúrgica. A falha na administração correta pode comprometer a eficácia da profilaxia e favorecer a resistência bacteriana, o que torna o papel da enfermagem ainda mais essencial (RODRIGUES, 2020, p. 208).

Além disso, a literatura destaca a influência das condições ambientais, como temperatura e ventilação da sala cirúrgica, na prevenção de ISC. O controle desses fatores depende da vigilância contínua e da comunicação assertiva entre os membros da equipe, com o enfermeiro frequentemente atuando como articulador desses processos. Conforme Almeida (2021, p. 90), “a estabilidade térmica e a ventilação adequada da sala operatória são fundamentais para a manutenção da assepsia”.

A construção de protocolos assistenciais baseados em diretrizes nacionais e internacionais também se mostra essencial para padronizar condutas e minimizar variações que possam comprometer a segurança do paciente. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016), o cumprimento rigoroso de checklists de cirurgia segura reduz significativamente as complicações, incluindo infecções cirúrgicas. A enfermagem tem papel central na coordenação e aplicação desses protocolos no cotidiano hospitalar.

Por fim, é importante destacar que a qualidade da assistência prestada não depende apenas de ações isoladas, mas sim de uma cultura institucional voltada para a segurança do paciente. A enfermagem deve participar ativamente de comissões de controle de infecção hospitalar, auditorias internas e treinamentos periódicos. A valorização do conhecimento científico e o estímulo à educação continuada são estratégias fundamentais para garantir a excelência do cuidado cirúrgico (SILVA; LIMA, 2019, p. 311).

3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os fatores de risco relacionados à infecção de sítio cirúrgico (ISC), destacando o papel essencial da enfermagem na identificação, prevenção e manejo dessas ocorrências. A partir da revisão de literatura, foi possível observar que as ISCs ainda representam um grande desafio para os serviços de saúde, especialmente no contexto hospitalar, por sua alta incidência e impacto nos desfechos clínicos dos pacientes.

Foram levantados diversos fatores predisponentes para o surgimento das ISCs, divididos entre fatores intrínsecos — como idade avançada, presença de comorbidades (diabetes mellitus, obesidade, imunossupressão), estado nutricional debilitado e tabagismo — e fatores extrínsecos, como falhas nos procedimentos de assepsia e antisepsia, tempo cirúrgico prolongado, tipo de incisão, ambiente cirúrgico inadequado e manuseio incorreto de materiais estéreis.

Diante disso, ficou evidente que a equipe de enfermagem desempenha um papel determinante na prevenção dessas infecções, por estar diretamente envolvida em todas as fases do processo



cirúrgico: pré, trans e pós-operatório. A atuação vigilante e técnica da enfermagem pode mitigar significativamente os riscos de contaminação e contribuir para a recuperação segura do paciente.

Durante o período pré-operatório, o enfermeiro é responsável por garantir o preparo adequado do paciente, orientando quanto à higiene, ao jejum e à suspensão de medicamentos, quando necessário. Também é papel da enfermagem identificar fatores de risco individuais e registrar qualquer condição que possa comprometer a recuperação cirúrgica, como infecções pré-existentes ou lesões de pele.

No transoperatório, o enfermeiro circulante e o instrumentador devem assegurar que todos os materiais estejam devidamente esterilizados, que o ambiente da sala cirúrgica esteja dentro dos padrões estabelecidos e que a equipe respeite rigorosamente os protocolos de assepsia e antisepsia. Qualquer desvio nesse momento pode ser determinante para o surgimento de uma ISC.

Já no pós-operatório, a enfermagem continua sendo um pilar fundamental nos cuidados ao paciente cirúrgico, monitorando sinais de inflamação, febre, exsudato purulento e alterações na ferida operatória. A troca de curativos, a higiene adequada do local e a administração correta dos medicamentos prescritos, especialmente os antibióticos profiláticos, são ações de extrema relevância nesse estágio.

Além dos cuidados diretos, a educação em saúde promovida pela enfermagem também se mostrou essencial. O fornecimento de orientações claras e individualizadas ao paciente e à família quanto à higienização da ferida, sinais de alerta e retorno para acompanhamento médico pode evitar complicações e reinternações.

Outro aspecto abordado na pesquisa foi a importância da capacitação contínua dos profissionais de enfermagem. O conhecimento técnico-científico atualizado, aliado ao desenvolvimento de habilidades práticas e à adesão aos protocolos institucionais, é fundamental para a atuação eficiente da equipe e a garantia de um cuidado seguro e de qualidade.

As evidências obtidas nesta pesquisa confirmam a hipótese de que a prevenção da infecção de sítio cirúrgico depende diretamente da atuação comprometida da equipe de enfermagem, associada à infraestrutura adequada, à adesão aos protocolos de segurança e ao trabalho em equipe interdisciplinar.

Dessa forma, conclui-se que o enfrentamento das ISCs exige uma abordagem sistematizada, onde a enfermagem é peça-chave na promoção da segurança do paciente. A valorização do enfermeiro como profissional estratégico na cadeia do cuidado cirúrgico deve ser reforçada nas instituições de saúde, tanto no âmbito da assistência quanto na gestão e educação continuada. Espera-se que este trabalho contribua para reflexões e melhorias nas práticas assistenciais e inspire futuras pesquisas que ampliem o debate sobre este tema de grande relevância para a saúde pública.



REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. B. Patient education in the prevention of surgical site infections. *Nursing Education Journal*, v. 45, n. 4, p. 213-218, 2017.
- CARVALHO, B. Superlotação hospitalar e risco de infecção do sítio cirúrgico: uma análise crítica. *Revista de Gestão em Saúde*, v. 12, n. 1, p. 89-102, 2017.
- CARVALHO, M. S. Infecção do sítio cirúrgico: fatores de risco e medidas preventivas. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 21, e1005, 2017.
- GONÇALVES, P. L. Prevenção de infecção do sítio cirúrgico: uma revisão de literatura. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 8, p. 1944-1950, 2018.
- OLIVEIRA, A. Principais fatores de risco para infecção do sítio cirúrgico. *Revista Brasileira de Cirurgia*, v. 40, n. 3, p. 123-135, 2018.
- OLIVEIRA, A. B.; PEREIRA, M. F. S.; LIMA, L. A.; SILVA, C. M. Infecção de sítio cirúrgico: revisão integrativa da literatura. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 4, p. 1972-1979, 2018.
- OLIVEIRA, M. A.; SANTOS, V. E.; SOUZA, M. J. Prevenção de infecção do sítio cirúrgico: atuação da enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 5, p. 2431-2437, 2018.
- SILVA, A. Controle de infecção hospitalar e prevenção de infecção do sítio cirúrgico: uma revisão atualizada. *Revista de Enfermagem Contemporânea*, v. 15, n. 4, p. 56-68, 2020.
- SILVA, E. F. Prevenção de infecção de sítio cirúrgico em pacientes cirúrgicos: o papel do enfermeiro perioperatório. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 54, e03506, 2020.
- SILVA, R. P. Nursing interventions in the management of surgical site infections. *Nursing Today*, v. 20, n. 2, p. 45-50, 2020.
- SMITH, J. Impacto da duração da cirurgia e da extensão da incisão na ocorrência de infecção do sítio cirúrgico. *Jornal Brasileiro de Infectologia*, v. 25, n. 2, p. 67-78, 2019.
- SMITH, J. K.; JONES, R. H.; BROWN, T. W. Surgical site infection risk factors and risk stratification. *AORN Journal*, v. 109, n. 2, p. 230-247, 2019.
- SMITH, L. K.; JOHNSON, A. B.; BROWN, C. D. Early detection of surgical site infections: the role of nursing staff. *Journal of Perioperative Nursing*, v. 32, n. 3, p. 85-90, 2019.